

## Sem tempo, Fiaminghi e Isabella: ritos

Após uma virada de vida, Isabella conheceu HF em 29 de maio de 1990. Todo ano comemoram esta data. Chegou, querendo a Pintura. Com sua urgência de sempre, queria os segredos todos, ha hora. O mestre, como Mestre, ensinou. Onde comprar a madeira e como tratá-la para montar os chassis, como esticar e preparar a tela, onde achar os pigmentos e a alquimia das tintas, como aproveitar suas sobras. Passou uma lição de casa. Meses depois, Isabella voltou. Trazia folhas e folhas de pintura, em acrílica sobre papel de embrulho. Eu a conheci no dia em que as esticara no chão do atelier, ao olhar do Mestre, o rito de iniciação. Sem comentários mais, autorizou a que tentasse a primeira tela. Isabella trabalhava em uma casa em ruínas, a de sua infância, já demolida. Quase todos os dias, à tarde, visitava HF. No seu Uno bege, que ninguém entende como ainda anda, levava as telas para as broncas ou os elogios do Mestre, sempre imprevisíveis. Às vezes, ele é que ia visitá-la. Gostava de cortar os cachinhos de seu cabelo, de tomar vinho com pão italiano no fim da tarde, no atelier mesmo, ou ir ao chopp do Bar do Leo, próximo ao Mercado Central. O amor entre os dois era tão sereno e completo que nem sempre evitava meu ciúme. Ainda bem que a alegria de vê-los felizes, velhos e crianças ao mesmo tempo, o dominava. Aconteciam algumas brigas, piores que as de irmãos. Nem me lembro quanto tempo duravam. HF indicou IC para a mostra "Perspectivas & Polaridades", aquela em que o mestre indicava o discípulo em que mais apostava. IC teve que ir buscar, só, as telas de HF. Ele estava no Incor, lutando para sobreviver ao enfarte. No atelier, vazio, ela descobriu a dor. A força do Mestre o trouxe de volta aquele espaço sem tempo. IC retribuiu com a proposta do "Projeto 160", documentar e analisar a gênese de uma tela, da montagem do chassis à assinatura, fotos e textos, um livro e uma exposição. Foi o golpe que arrancou HF a depressão pós-enfarte. Em seguida, o rito de passagem. Durante duas semanas, Isabella pintou no atelier de HF, sob suas ordens, gritos, broncas. As pinceladas ganhavam nomes gentis, como ignara ou esquizofrênica. "Você não aprendeu a pintar" valia como um elogio. Queria que ela pintasse o que ele é que via. Antes, talvez isto ainda fôsse possível. Ali, não mais. Ela já via a sua própria Pintura. Ele a recebeu. Ofereceu-lhe um espaço, anexo à sua sala de trabalho. Aceitava-

a como colega. Ela sempre retribuía. Novamente, após o segundo enfarte, com seu "Projeto 150", 20 telas ou 2 anos de produção, deu-lhe anima e rumo. Obrigava HF a furar as greves do corpo e do cansaço, de sua raiva crônica contra a mediocridade geral. Ajudou-o a trocar o vinho pelo chá com biscoito. É verdade que com ternura, sem endurecer demais. Cúmplices, escapavam para o Bar do Leo ou atrás das ostras da Buriti. No início do segundo semestre, o que antes era papo virou a decisão da biografia. Horas e horas de depoimentos, HF abriu todos seus arquivos, caixas e envelopes de pistas e restos de sua história de vida e trabalho, inseparáveis. Foram meses de encontros e desencontros, alta tensão, nos fragmentávamos/remontávamos para descobrir segredos impossíveis. Entreguei os pontos quando Isabella me convenceu a não tentar o ridículo papel de ver em Fiaminghi um pretexto para desvendar a Pintura. O livro não era nosso. Era ele. Devia ser "grande e humilde", como o próprio Mestre, uma homenagem a Fiaminghi, nosso rito de amor. Algumas semanas antes do texto se completar, HF sonhou que pintava com as pinceladas de Isabella. A quatro mãos, à executaram Completou-se o rito da união. (MAAR, como pós-fácio, sem imprimatur de IC. 05-06/08/95).

a tta .

FIM

Contemporânea